

TERRITÓRIOS E LUGARES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

Professor do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal –
FACIP/UFU

e-mail: silvajunior_af@yahoo.com.br

José Josberto Montenegro Sousa

Professor do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal –
FACIP/UFU

e-mail: josbertoms@yahoo.com.br

APOIO: PROPP/UFU

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar a construção das identidades dos professores de História atuantes no ensino fundamental em escolas localizadas em territórios rurais e urbanos. Como metodologia de investigação foi utilizada a história oral. Fizeram parte da investigação seis professores de História. O cenário da pesquisa limitou-se aos municípios de Araguari, Uberlândia e Patos Minas no estado de Minas Gerais, Brasil. Em cada município, foram escolhidas duas escolas, sendo uma rural e outra urbana. Conclui-se que os professores colaboradores, como sujeitos sociais imersos em uma sociedade, formam suas identidades na relação que estabelecem com elementos da cultura como família, religião, instituições educativas etc. Produzem sua identificação, que também está carregada de significados simbólicos, de valores recebidos e reelaborados.

Palavras – chave: Formação de professores; identidades; ensino de História.

Introdução

A formação docente não é tarefa exclusiva de determinados sujeitos, tempos e lugares, mas se processa ao longo da vida profissional, em múltiplos espaços, territórios socioculturais. Aspectos da história de vida pessoal marcam o ser e o formar-se professor. Vida e profissão são lugares que constroem experiências. Entendemos o lugar como ocupação do espaço por pessoas que lhe atribuem significados e legitimam sua condição.

A identidade docente tem estreita relação com a cultura e a sociedade em que o indivíduo viveu e vive. Ela não é única e pode ser vista sob diversos aspectos. Não é possível o estabelecimento de uma identidade estática e imutável. A identidade possui historicidade, vitalidade, se transforma. À medida que o sujeito interage com o seu “eu” e a sociedade, valores, símbolos e outras identidades que esse ambiente lhe oferece, modificam sua própria identidade.

Neste texto temos como objetivo analisar as relações dos lugares, dos territórios no processo de formação permanente, de construção das identidades dos professores de História atuantes no ensino fundamental em escolas situadas em territórios rurais e urbanos. Trata-se de resultados de uma investigação mais ampla sobre a construção das identidades e da consciência histórica de jovens estudantes do ensino fundamental e de professores de História que atuam em escolas rurais e urbanas. Detemo-nos nas entrevistas realizadas com seis professores de História. O cenário da investigação limitou-se aos municípios de Araguari, Uberlândia e Patos Minas no estado de Minas Gerais, Brasil. Em cada município, escolhemos duas escolas, sendo uma localizada no meio urbano e outra no meio rural. Somando o total de seis escolas.

O critério da escolha das cidades e das escolas foi resultado de diferentes fatores. Araguari, por ter sido o *locus* da nossa experiência pessoal e profissional e objeto de estudo que resultou em Dissertação de Mestrado e nos instigou a continuação da pesquisa. Uberlândia, pela grande transformação no padrão produtivo agropecuário levou ao esvaziamento e a reconfiguração do meio rural e urbano. Patos de Minas, por ter efetivado a experiência de um projeto de escola rural que atentava para as especificidades dos habitantes do meio rural. Em comum, as três cidades têm no passado uma forte tradição agrícola.

Como metodologia empregamos a história oral, por possibilitar o acesso à vozes, às manifestações anônimas, ao cotidiano, a micro-história, aos espaços informais e a cultura popular. Utilizamos o referencial da história oral temática, na elaboração e realização das entrevistas orais com os professores, pois buscamos focalizar o processo de construção das identidades de professores de História. Para a história oral temática, interessa-nos a história pessoal do narrador, apenas aquilo que revela aspectos úteis à informação temática central (Bom Meihy, 2002).

Ouvimos e registramos as narrativas dos professores de História que atuavam no último ano do ensino fundamental, no ano de 2010, em escolas públicas estaduais e

municipais no meio urbano e rural, por meio de um roteiro temático, abordando as seguintes questões: formação acadêmica, experiência docente em anos e o perfil socioeconômico e cultural. Todos os professores concordaram com a divulgação de suas identidades.

Maria Cristina Rodrigues de Lima, 40 anos, branca, católica, solteira. Graduou-se no curso de História em 1996 na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araguari, MG; atuava como professora em escolas no meio rural do município de Araguari desde 2000. *Eduardo Peixoto*, 33 anos, pardo, católico, casado. Em 2004 graduou-se no curso de História na Universidade Presidente Antônio Carlos - Unipac-Araguari, iniciou o trabalho docente em escolas no meio urbano do município de Araguari, em 2005. *Maria Helena Raimundo*, 41 anos, negra, “religiosamente eclética”, casada. Formou-se em 1994 no curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, lecionava desde 1993, em 2010 iniciou sua experiência como professora em escolas no meio rural no município de Uberlândia. *Luci Helena Maciel*, 40 anos, parda, não tem religião, solteira. Em 2000 concluiu o curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, nesse mesmo ano começou sua atuação como professora, lecionava em escolas no meio urbano do município de Uberlândia. *Marli Ferreira Alves*, 45 anos, branca, católica, solteira. Graduou-se no curso de História na Universidade de Patos de Minas - UNIPAM, em 1994. Atuava como professora desde 1997. Ensina em escolas no meio rural do município de Patos de Minas. *Sebastião Cordeiro Queiroz*, 50 anos, branco, católico. Graduou-se em 1986 no curso de Filosofia, no Seminário em Belo Horizonte, iniciou na docência em 1990, atuava em escolas no meio urbano de Patos de Minas.

Aspectos da vida pessoal e a relação com a formação docente

Nossa intenção, ao trabalhar com as narrativas de professores de História que atuavam em escolas no meio rural e urbano, foi trazer o homem para o centro das pesquisas histórico-educativas compreendendo que o homem é o universal singular, dessa forma, como nos ensina Fonseca (1997), podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual. Acreditamos que a vida pessoal interfere e se mistura com a vida profissional. Nesse sentido, comungamos com Souza (2011) ao afirmar que,

Vida, profissão e narrativa estão entrecruzadas com relações territoriais e de poder, na medida em que remetem o sujeito a viver sua singularidade, enquanto ator e autor, investindo em sua interioridade e conhecimento de si e estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas nas escritas do eu. Nesse cenário, trajetórias de vida e fragmentos biográficos articulam-se através de ações coletivas, aprendizagem informal e experiências sociais como constitutivas das culturas, identidades, subjetividades e diversidades dos sujeitos em seus territórios de vida-formação. (p. 213).

Entendemos a noção de território como confluência de múltiplos espaços narrativos vinculados às relações sociais, políticas, materiais, simbólicas, vividas pelos sujeitos. Sendo assim, a história de vida pode ajudar-nos a compreender o professor em relação com a história do seu tempo, suas escolhas e opções e modelos de ensino e práticas educativas. Por isso, ouvimos os professores sobre sua infância, o início da sua vida escolar e a participação dos pais nesse processo.

Dos seis professores colaboradores, três atuavam em escolas localizadas no meio rural e três no meio urbano. Quatro professoras e dois professores. O mais velho, com 50 anos de idade, era o professor Sebastião, que ensinava em uma urbana no município de Patos de Minas e o mais novo, com 33 anos, o professor Eduardo, lecionava em uma escola urbana no município de Araguari. As professoras tinham entre 40 e 45 anos de idade. Luci era professora da escola localizada no meio urbano do município de Uberlândia e Maria Helena no meio rural. Maria Cristina trabalhava na escola situada no meio rural do município de Araguari e Marli lecionava na escola do meio rural de Patos de Minas.

Os professores Eduardo e Sebastião foram criados no meio rural, trazem marcas desse passado em suas memórias. Para Eduardo a vida no meio rural, apesar de ser simples, era menos difícil do que na cidade, pois podiam produzir o próprio alimento e na cidade tinha que comprar tudo. Sebastião reforçou que era um menino trabalhador. Os professores Eduardo e Sebastião, que atuavam em escolas urbanas, viveram parte de suas vidas em territórios rurais, experimentaram vantagens e desvantagens destes lugares.

Os deslocamentos de lugares, do meio rural para as cidades e para cidades de diferentes estados marcam a formação dos professores. Foram constantes na vida de vários colaboradores desta investigação. A professora Maria Helena foi alfabetizada em uma escola no meio rural, depois mudou para a cidade e retornou para o rural onde

concluiu os anos iniciais do ensino fundamental. A professora Luci começou o jardim da infância em uma escola na cidade de Fronteira, mas interrompeu os estudos em função do trabalho do pai, que teve de mudar. Comentou, em sua narrativa, que mesmo nunca ter estudado em escolas no meio rural, ela tem suas raízes nesse espaço, pois seu pai viveu parte da sua vida no meio rural, só mudou para a cidade, por volta de 1950, em busca de trabalho. As professoras Marli e Maria Cristina que atuavam como professoras de História no meio rural, respectivamente de Patos de Minas e Araguari, não tiveram laços com o meio rural até iniciarem como professoras.

Ao narrarem sobre o início da vida escolar nos chama a atenção algumas especificidades do meio rural. A história de Sebastião e Eduardo é a história de muitos brasileiros que viveram no meio rural onde o acesso à educação escolar era muito restrito. Revela as mazelas do sistema escolar no meio rural brasileiro. Sebastião destacou as dificuldades de estudar no meio rural, como por exemplo, a distância da escola, os problemas de conciliar trabalho e estudo e no período em que estudou as escolas rurais não certificavam os alunos. Tinham que fazer uma prova em uma escola urbana e se tirasse média, conseguiria um certificado de conclusão que possibilitava a continuação dos estudos. Eduardo para começar a vida escolar teve que abandonar seus pais e mudar para a cidade para morar com uma tia, mas como resistiu, retornou para o meio rural e retardou o início de seus estudos. As narrativas evidenciam, nesse aspecto, a supremacia dos territórios urbanos se comparado com os territórios rurais.

Os pais dos colaboradores, mesmo não tendo tido a oportunidade de avançar nos estudos, incentivaram os filhos a estudarem. São diversos momentos tecidos que envolvem a trama de se tornar professor. O fato de mudarem constantemente ou de permanecer no lugar onde nasceu, o diálogo entre espaço urbano e rural, o apoio e/ou exemplo dos pais, contribuiram na formação dos professores. Enfim, o ser o formar-se professor é resultado de uma construção cotidiana, os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas.

A escolha pelo ensino de História e a formação dos professores

Por diferentes caminhos os professores escolheram ensinar História. A professora Luci e a professora Marli comentaram sobre alguns de seus professores que traziam marcas de uma formação autoritária com fundo positivista e com uma visão

técnica, Luci comentou sobre a professora de História e de OSPB, que se limitava em mandar ler o texto e sublinhar as partes principais. A professora de História citada por Marli, priorizava a arguição, com ênfase nas datas.

Por outro lado, também foram influenciados por professores marcantes. A professora Luci destacou a importância de um professor de História pela decisão de fazer o curso. O professor Sebastião comentou sobre o incentivo de sua professora da escola rural. Castanho (2001) discute sobre o professor inesquecível, ideal. Segundo a autora, as boas lembranças superam as lembranças dos maus professores. Marli escolheu História pela oportunidade de ampliar seus conhecimentos, citou um professor marcante, mas que não era de História. Maria Helena queria ser engenheira, mas como gostava muito de escrever optou por fazer História. Eduardo não tinha intenção de ser professor, fez o curso de História para ampliar as possibilidades de obter promoções no Exército. Maria Cristina escolheu História ao acaso.

Quanto a formação inicial, os professores foram unânimes em afirmar que o curso, mesmo com lacunas foi fundamental no processo da formação docente. Interessava-nos também identificar o tipo de formação continuada que os professores entrevistados recebiam. Imbernón (2010) define como formação continuada toda intervenção que provoca mudanças no comportamento, na informação, nos conhecimentos dos professores e que promove uma repercussão na totalidade da instituição. Entendemos que os cursos de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, podem ser considerados formação continuada. Mas, também concordamos com Oliveira (2008) ao defender a hora-atividade, na escola e em grupo, como condição básica para qualquer processo de formação continuada que se pretenda eficaz. De acordo com a autora, os professores precisam ter condições de se reunir, pelo menos quinzenalmente, para que um grupo pedagógico comece a se estruturar e consolidar.

A partir das narrativas dos professores das escolas, tanto do meio rural quanto urbano de Araguari-MG, pudemos refletir sobre como a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais compreende a formação continuada de professores. De acordo com os professores foi oferecido, ao longo de 2008 e 2009 um curso sobre programação de computadores. Esse curso fazia parte da política mineira, conhecida como projeto de Formação Inicial para o Trabalho – FIT -. De acordo com a Secretaria do Estado de Minas Gerais – SEE-MG -, esse projeto possibilitaria inserir no histórico da escola do ensino médio, cursos de formação na área de informática.

Esse modelo de formação continuada aproxima do que Imbernón (2010) denomina de sessão de “treinamento” que se caracteriza por ter os objetivos e resultados almejados especificados por alguém e costumam ser propostos em termos de conhecimentos ou desenvolvimento de habilidades. Nesse modelo, um dos resultados esperados, hipoteticamente e sem comprovação posterior, é que se promovam mudanças nas atitudes e que essas passem para a sala de aula. No caso do FIT, esperava-se que os professores passassem o curso para os alunos e que esses aprendessem.

A professora Maria Cristina comentou que depois da graduação fez também, uma especialização oferecida pela UFU. No decorrer da entrevista afirmou que sempre participava dos eventos (seminários, jornadas, congressos, encontros) na área de Educação ou no departamento de História que ocorrem na Universidade. Imbernón (2010) considera essas atividades como modelos de formação alternativos, são mudanças na formação continuada que caracterizou os anos de 1990. Na continuação de sua narrativa, a professora Maria Cristina revelou que faltava às aulas para participar desses eventos, tinha seu dia de trabalho cortado. Fato que desestimulava a participação dos professores.

A professora Maria Helena, depois da graduação, concluiu uma pós-graduação *lato sensu* em História da Filosofia. Em sua narrativa destacou os cursos de formação continuada realizada no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz - CEMEP -, que é um espaço de aprimoramento que promove a formação continuada dos profissionais do Sistema de Ensino da rede municipal de Educação de Uberlândia. Para a professora são momentos imprescindíveis na formação dos professores, porque discutem conteúdos importantes para a prática da professora. Essa perspectiva de formação é o que Oliveira (2008) denomina de “conjuntural”, engloba ações que almejam resultados em curto prazo, uma formação mais específica, que prioriza os aspectos didáticos do *que, como e por que* ensinar tal conteúdo. É um tipo de formação continuada em que a troca de experiências entre professores surte resultados significativos.

Ao ouvir o palestrante e os próprios colegas, é possível fazer relações com sua prática docente. Dessa forma, contribui para sua formação. A professora reforçou que sobre as especificidades do meio rural nada foi discutido, limitava-se em trocas de experiências informais entre os professores. Segundo a professora, tanto a Secretaria de Educação quanto os gestores, tratam a rede como única e não se atentam às

especificidades dos territórios rurais, por um lado, ela considera isso bom, pois possibilita uma igualdade na oportunidade de aprender os bens culturais produzidos pela humanidade de forma mais equitativa. Por outro, é ruim, pois desconsidera as singularidades do rural.

De acordo com Imbernón (2010), atualmente são programados e ministrados muitos cursos de formação continuada, porém o autor reforça que há pouca inovação e que predomina a formação com caráter transmissor, com supremacia de uma teoria que é passada de forma descontextualizada sem relação com os problemas práticos dos professores e de seu contexto. O autor defende uma formação colaborativa e dialógica com processo de diálogo entre professores e todos os sujeitos que intervêm na formação. Adverte que a formação distante da prática deve ser reduzida.

A experiência docente, perfil socioeconômico e cultural: relações com a formação das identidades

Para Larossa (1996), a experiência não é aquilo que se passa em torno de nós, não é o que acontece no mundo a nossa volta, que chega até nós, mas é aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca, e dessa forma nos transforma. As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, mas também como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações, valores, arte, convicções e religiosidade. Nesse sentido, compreendemos a experiência como categoria que marca a identidade docente. Por meio das narrativas dos colaboradores observamos que muitos iniciaram na profissão como professores substitutos, conheceram diversas realidades: escolas rurais, urbanas (centrais e periféricas) e, essa experiência deixou marcas profundas.

Acreditamos que a escola, como espaço, e os professores, como sujeitos, possam ensinar aos jovens estudantes sobre os bens culturais produzidos pela humanidade independente da escola ser localizada no meio rural ou urbano. Nesse sentido, é imperativo que os professores tenham acesso as mais variadas formas de informação, e tempo para refletir e processar essas informações transformando-as em conhecimento e assim as aulas de História possa ser um espaço de produção de novos conhecimentos. Em nossa investigação detectamos alguns obstáculos, pois os professores possuíam uma

carga horária elevada, além disso, os salários pagos não eram suficientes para cobrir suas despesas básicas.

Perguntamos aos professores se tinham hábito de ler jornais e quais as seções mais interessavam. A professora Luci declarou que já assinou a *Folha de São Paulo*, mas atualmente não assina mais. Assinava também a revista *Veja*, mas segundo a professora essa revista está seguindo muito a linha de direita e dessa forma, ela resiste e prefere não ler. Ela tem acesso a *Carta Capital* e *Fórum*, pela internet. O professor Sebastião registrou: *Para me manter informado, eu assisto ao jornal na televisão, principalmente o Jornal Nacional e o Jornal Regional. Leio também o jornal diário. Eu vejo todos os tipos de notícias.* O professor Eduardo afirmou que procura estar sempre atualizado com as informações. Tem o hábito de ler jornais diários como a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e o *Jornal o Tempo*, disse não tem assinatura, mas consegue os jornais por meio da escola particular em que atua, sendo assim é possível ter acesso aos jornais e inclusive levá-los para a casa para fazer uma leitura mais atenta. Prefere ler assuntos relacionados ao conteúdo de História e reportagens sobre questões políticas, econômicas e em menor proporção, o professor lê sobre esportes.

As professoras que atuavam nas escolas localizadas no meio rural dos municípios investigados possuíam uma relação com os jornais bem parecida com a dos professores do meio urbano. A professora Marli afirmou: *Para me atualizar, eu leio o jornal todo dia, assino o Estado de Minas. Além disso, busco informações na televisão e na internet.* Maria Helena buscava as informações pela internet. Maria Cristina afirmou que assinava a *Folha de São Paulo*, gostava principalmente das notícias relacionadas à política, mas em função do excesso de trabalho não estava tendo tempo para leituras e deixou de pagar a assinatura do jornal. Atualmente acompanha as notícias pela televisão, principalmente nos jornais da *Rede Globo*.

Quanto ao tipo de leitura, as narrativas dos professores sinalizam para uma forma de leitura que Burke (2003) classifica como extensiva. Em seus estudos o autor diferencia a leitura intensiva da leitura extensiva. A primeira é uma leitura reverente, enquanto a segunda, independente. Essa “revolução na leitura” foi marcante nos fins do século XVIII. Para Peter Burke a leitura extensiva foi estimulada pelo florescimento das obras de referência e constituem um “atalho para o conhecimento”. No período em que vivemos, caracterizado pela produção, cada vez mais rápida, do conhecimento, e pelo excesso de trabalho dos professores se tornou inviável uma leitura intensiva. As

narrativas dos professores revelaram que as leituras eram direcionadas ao conteúdo, principalmente em revistas especializadas, e mesmo nas obras literárias os professores buscam relações com o conteúdo específico.

Todos os professores entrevistados, tanto os que atuavam nas escolas localizadas no meio rural, quanto no meio urbano dos diferentes municípios não possuíam o hábito de ir ao cinema e nem ao teatro. Maria Cristina e Eduardo declararam que na cidade de Araguari não tinha cinema e nem teatro. Quanto à preferência musical, com exceção do professor Eduardo, todos citaram a Música Popular Brasileira. Outros ritmos também foram registrados. Sebastião destacou também músicas de raiz e comentou sobre a influência que recebe de sua esposa, que é professora de violão. Eduardo se diz eclético, mas enfatizou o gosto pela música sertaneja e pelo grupo Bee Gees. Afirmou ser muito romântico e sonhador. Maria Helena também se declarou eclética quanto o gosto musical, ressaltou o gosto pelo Samba e pela Música Popular Brasileira - MPB. Maria Cristina teve o gosto musical influenciado pelas irmãs mais velhas e pelos amigos que conheceu nos movimentos de igreja e no partido político, além do gosto pela MPB, gosta de rock brasileiro e samba. Asseverou que não gosta de pagode.

O contato ou a ausência de contato com diferentes espaços culturais interfere na formação das identidades dos professores e conseqüentemente suas práticas. Uma característica marcante do final do século XX e início do XXI foi a maior difusão de computadores e o acesso crescente à internet, a informação e a comunicação. De todos os professores colaboradores, a professora Maria Helena, que atuava na escola localizada no meio rural do município de Uberlândia, foi a que tinha uma relação mais aberta com as tecnologias, principalmente as computacionais. A professora Marli se limitou a dizer que usava a internet para conseguir algumas informações. Maria Cristina disse que sua relação com as tecnologias é “quase de briga”. Tinha acesso à internet em casa, mas devido a problemas financeiro, não pôde continuar pagando.

O professor Eduardo declarou que usava a internet apenas para realizar algumas pesquisas sobre determinados assuntos e que não fazia parte de nenhuma rede social. O professor Sebastião afirmou que aproveitava o computador para digitar provas e textos. Na escola em que trabalhava, (meio urbano de Patos de Minas), tinha uma sala com 10 computadores, mas ainda não tinha o técnico de laboratório e como o professor ainda não estava fazendo o curso, não podia usar esse espaço.

De acordo com Silva Fonseca (2007), a informática representou uma significativa mudança de outra natureza, em relação ao acúmulo de informações, ao acesso a elas e a comunicação entre as pessoas. Mas, alertam que o entusiasmo por essas conquistas técnicas deve estar mesclado com algumas cautelas, para que evite que se transforme em um deslumbramento com a aparelhagem destituído de pensamento sobre os instrumentos.

Observamos que o processo em se tornar professor é histórico. Comungamos com Fontana (2005) ao afirmar que na trama das relações sociais de seu tempo, marcados também pelo lugar, vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e normas que regem o cotidiano escolar. Instigados pelo presente, os professores (re)constróem suas experiências para interpretar o passado e pensar em práticas futuras. Em comum os colaboradores buscavam, da melhor forma possível, construir o conhecimento, passaram por diferentes experiências profissionais ao longo de suas carreiras, ao narrar tais experiências é possível refletir sobre o processo da construção de suas identidades.

Considerações finais

As narrativas explicitaram marcas da infância, mobilidade social e deslocamentos vividos em suas trajetórias e percursos de escolarização e formação. Revelaram perspectivas políticas, ideológicas e práticas, a partir de posições sucessivas vivenciadas pelos sujeitos em seus contextos de vida/formação.

Os sujeitos da investigação eram filhos de pais trabalhadores, muitos tiveram a experiência de residirem em diferentes cidades, alguns, no meio rural. Os pais tiveram grande influência na educação escolar. Comentaram sobre a importância de alguns professores na construção de suas identidades. Relataram os diferentes motivos que influenciaram suas escolhas. Foram alunos trabalhadores, enfrentaram muitos desafios ao longo do processo de formação e mais ainda no início da carreira. Sobre as particularidades da educação no meio rural, foi recorrente a afirmação de que no decorrer da formação inicial nada foi comentado.

Os estudos realizados evidenciam que o conhecimento é sempre indissociado da experiência de vida dos sujeitos, por isso, sempre um conhecimento contextualizado. Os professores colaboradores, como sujeitos sociais imersos em uma sociedade, formam

suas identidades na relação que estabelecem com elementos da cultura como família, religião, instituições educativas etc. Produzem sua identificação, que também está carregada de significados simbólicos, de valores recebidos e reelaborados. Nas palavras de Lucini (2007), tornam o que são em relação com a mundanidade.

Ao propormos refletir sobre o ser o formar-se professor de História, acreditamos ser importante esclarecer o que entendemos por formação: um processo contínuo que ocorre ao longo da vida e não apenas em um dado momento e lugar. Nesse sentido é possível pensar na incompletude do ser humano e no movimento do fazer-se. Percebemos que os professores, colaboradores dessa investigação, trazem marcas de sua história de vida, da formação inicial e continuada, do contato com os jovens estudantes, e, assim, formam e transformam suas identidades nos diferentes espaços, lugares e territórios em que atuam (meio rural ou urbano).

Referências

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas SP: Papyrus, 1997.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996.

LUCINI, Marizete. **Memória e história na formação da identidade Sem Terra no Assentamento Conquista na Fronteira**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Formação Continuada de professores na área de História no ensino fundamental: um processo, vários focos, múltiplas temporalidades**.

FONSECA, Selva Guimarães, ZAMBONI, Ernesta (Orgs.). **Espaços de formação do professor de História.** Campinas, SP: Papyrus, 2008.

SILVA, Marcos, FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido.** Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 212-220, maio/ago. 2011.